

## ***A Carne: Apontamentos Sobre O Negro Na Língua***

### ***A Carne: Notes About the Black in the Language***

Leatrice Barros<sup>1</sup>

(UFF/CNPq)

Vanise Medeiros<sup>2</sup>

(UFF/CNPq/FAPERJ)

*Não se esqueça que o negro também construiu  
as riquezas do nosso Brasil*  
(Alvinho; Helio Turco; Jurandir, 1988)<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo toma como material de reflexão o romance *A Carne*, livro polêmico de Júlio Ribeiro, publicado pela primeira vez em 1888. A escolha da obra se deu porque, para além do texto, ela traz saberes sobre a língua, principalmente no *Glossário* ao final da obra. O presente artigo tem por objetivo investigar o léxico que diz respeito, em solo brasileiro, à cultura e línguas advindas de matrizes africanas que comparece sobretudo no *Glossário*. Esse recorte foi motivado pela relevância da cultura de matriz africana na constituição da cultura brasileira e pelo histórico de apagamentos e silenciamentos. Para alcançarmos estes objetivos, fez-se o cotejo dos verbetes em dicionários posteriores e anteriores à publicação de *A Carne*, além de observarmos também o desenrolar do verbeito no corpo do texto. Utilizamos como corpus os seguintes verbetes: *contra*, *mandinga*, *manipanso*, *mganga*, *cousa feita e vira-virando*. Tal estudo, nos ajuda a compreender a relevância da obra de Ribeiro no que diz respeito aos estudos linguísticos e, sobretudo, aos estudos que põem em relevo a grande parcela dos escravizados na formação de língua e cultura brasileira.

**Palavras-chave:** *A Carne*; Júlio Ribeiro; verbetes de matriz africana; História das Ideias Linguísticas; Análise do Discurso.

**Abstract:** This article takes as material for examination the novel *A Carne*, a polemic book by Júlio Ribeiro, published for the first time in 1888. The selection of this book occurred because, in addition to the text, it brings knowledge about the language. Especially in the *Glossary* at the end of the book. This study aims to investigate the lexis, in Brazil, about the culture and languages of African origin, shown mainly in the *Glossary*. The research focus was motivated by the relevance of the culture of African ancestry in the constitution of Brazilian culture and by the history of delation and silencing. To achieve these objectives, we compared the entries in dictionaries after and before the publication of *A Carne* and analyse the entry's development in the body of the text. We take as *corpus* the following entries: ***contra*, *mandinga*, *manipanso*, *mganga*, *cousa feita and vira-virando***. This research helps us to comprehend the relevance of Ribeiro's novel in linguistics studies and, above all, to studies that highlight the large portion of the enslaved in the formation of the Brazilian language and culture.

**Key-words:** *A Carne*, Júlio Ribeiro; History of Linguistics Ideas, African words, Discourse analysis.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura de Letras Português/Inglês, bolsista de Iniciação Científica (PIBIC, processo 139507/2021-3)

<sup>2</sup> Professora associada UFF, bolsista CNPq (Processo 305428/2018-7), CNE FAPERJ (Processo E-26/211.459/2019).

<sup>3</sup> A referência acima foi retirada do samba-enredo “Liberdade, realidade ou ilusão” dos compositores indicados. Encontra-se disponível no site Letras.mus disponível em <<https://www.lettras.mus.br/manguera-rj/478753/>> Acessado em 20.04.2022

**Submetido em 16 de maio de 2022.**

**Aprovado em 2 de agosto de 2022.**

## **Introdução**

Há muito certos glossários de livros de literatura vêm motivando nossas pesquisas acerca do dizer sobre língua e sujeitos. São glossários, decorrentes do texto e de certa forma presos a ele, que inscrevem uma posição do lexicógrafo que se volta sobre a obra registrando a partir dela um léxico com suas definições e, por vezes, exemplificações. Esta não é a primeira vez que a obra *A Carne* é nosso objeto de estudo. No artigo “A Carne e a Carniça” (MEDEIROS, 2019), o foco residiu sobre a polêmica entre Júlio Ribeiro e Padre Senna de Freitas, não sem lançar luz sobre os itálicos no texto e o *Glossário* apenso à obra. O atual artigo é, de certa maneira, uma extensão deste e objetiva investigar palavras, presentes no *Glossário*, que dizem respeito ao negro e/ou a um léxico advindo de língua de matriz africana.

A obra, publicada pela primeira vez em 1888, causa, como se sabe, espanto e protestos por abordar a sexualidade feminina. O autor recebe ferrenhas críticas, dentre elas, a mais famosa é a de Senna de Freitas (1888), que, em seu artigo *A Carniça*, publicado no jornal *Diário Mercantil*, faz uma crítica “à proposta naturalista, que não se verifica, à incoerência do “produto artístico”, à noção de amor que sustenta” (MEDEIROS, 2019, p. 111). Além disso, o romance chama a atenção, ainda, pelo modo como escancara a escravidão.

*A Carne* traz, além do texto, epígrafe, cartas de dedicatória, em francês e em português, e bordas outras – *Nota sobre orthographia*, *Errata*, notas de rodapé, palavras em itálico no corpo do texto e um *Glossário* composto de quarenta e um verbetes – enquanto um “lugar de dizer a mais sobre a língua” (MEDEIROS, 2016, p.81). Há uma posição escritor que se desdobra em posição lexicógrafo: “é como se houvesse algo ainda a ser dito, a ser destacado, que não se esgota no texto e que se faz em outro lugar.” (MEDEIROS, 2016, p.81). Neste artigo, consideramos que a seleção de verbetes para o *Glossário* serve como “registro do português falado no Brasil” (AQUINO, 2016, p. 274), e, neste sentido, como um observatório de línguas, principalmente de matriz africana.

Acerca do século XIX, é preciso lembrar que se trata de um período em que a língua estava em questão no Brasil, um período marcado pela endogramatização (AUROUX, 1992), isto é, de produção de instrumentos linguísticos por brasileiros para brasileiros. As línguas são “fato social, histórico, são praticadas, funcionam em condições

determinadas, têm materialidade, fazem história”, nos lembra Orlandi (2009). Neste período histórico em questão, a gramatização (AUROUX, 1992) possui papel relevante na consolidação de uma nação, que se constitui também com a instauração de uma língua nacional.

No cenário brasileiro de gramatização, em paralelo às produções portuguesas, há, então, um processo de descolonização linguística (ORLANDI, 2009) – brasileiros (ora gramáticos, ora escritores) – assumem a autoridade de dizer que língua é falada no Brasil e “como” ela se manifesta. Orlandi (2009) continua dizendo que este fenômeno de descolonização pode ser entendido como o “imaginário no qual se dá também um acontecimento linguístico desta vez sustentado no fato de que a língua faz sentido em relação a sujeitos não mais submetidos a um poder que impõe uma língua sobre sujeitos de uma outra sociedade, de um outro Estado, de uma outra Nação” (ORLANDI, 2009, p. 172). Júlio Ribeiro atua neste cenário não somente através da publicação de sua gramática, em 1881, mas também com o seu fazer literário que trazia saberes sobre a língua – outros exemplos são os autores Visconde de Taunay e José de Alencar.

Segundo Medeiros (2019), ao investigar as bordas e o corpo do texto de *A Carne*, é possível observar gestos de leitura que são: “aquele da posição lexicógrafo que escuta, apreende e registra dizeres da oralidade e os registra; aquele da posição gramático que afirma, precisa, determina, organiza a língua que se quer nacional.” Para este artigo, tomou-se como material de análise verbetes do *Glossário* e uma nota de pé de página presente no corpo do texto que dizem respeito à cultura e língua de matriz africana, ambos pensados tanto sobre um horizonte de projeção como um de retrospectão. Esses horizontes são importantes movimentos de e sobre o conhecimento linguístico, conforme Auroux (1992), quando este comenta sobre a temporalidade de qualquer conhecimento.

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade, mas a temporalidade ramificada da constituição do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão (Auroux, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado, como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p.12)

Nosso suporte teórico se deu no encontro da História das Ideias Linguísticas com a Análise do Discurso de base materialista. O estudo do *Glossário* de *A Carne* juntamente com o confronto com instrumentos linguísticos, dicionários indicados mais adiante,

permitem mostrar como discursos sobre o negro se institucionalizaram e, em alguns casos, se transformaram ao longo da história. Como afirma Medeiros (2014):

“Os glossários, assim como os dicionários, são lugares de memória na língua. Memória que se entende, discursivamente, como atravessada por repetições, interditos, esquecimentos, deslocamentos e contradições. Memória em que se tece a historicidade do glossário, em que se inscreve gesto de captura da palavra e na metalinguagem que a categoriza” (MEDEIROS, 2014, p.6)

Dicionários recortam, por vezes, a língua fluida<sup>4</sup> em uso pelos falantes para a consolidação em uma língua imaginária<sup>5</sup>, recortada e fixada em suas estruturas e possibilidades de uso. Os glossários podem também funcionar diferentemente dos dicionários, mostrando especificidades da língua que normalmente não constituem o léxico já institucionalizado. No contexto em que se passa a publicação de *A Carne*, havia o interesse em marcar os usos próprios da sociedade brasileira, a fim de configurar uma língua nacional. O projeto de construção de uma língua nacional, principalmente em contexto brasileiro, com a presença de tantas línguas em contato, foi um processo de disputas e apagamentos. A captura do que será inscrito nos glossários e dicionários não é sem exclusão: “na língua imaginária que se apresenta e se constrói como nacional, há sempre algo de fora – por vezes proscrito, por vezes não inscrito.” (MEDEIROS, 2014, p.3). Nesse sentido, a literatura e glossários se fazem relevantes ao expor, nesse conflito, léxicos que ainda não estavam dicionarizados ou adicionar e deslocar sentidos ao que já estava inscrito nos instrumentos linguísticos canônicos.

### **De olho nos verbetes**

No *Glossário de A Carne* há, como já dito, quarenta e um verbetes. Para refletirmos sobre o léxico que diz respeito ao negro e/ou a um léxico advindo de língua de matriz africana, utilizamos os dicionários a seguir como parâmetros de investigação de horizonte de retrospecto e de projeção.

a) dicionários anteriores à obra:

Século XVIII: Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino* (1728);

---

<sup>4</sup> Por *língua fluida* se compreende, conforme Orlandi, a “língua em movimento, mudança contínua, a que não pode ser contida em arcabouços e fórmulas, não se deixa imobilizar, a que vai além das normas. A que podemos observar quando focalizamos os processos discursivos”. (ORLANDI, 2009, p. 16)

<sup>5</sup> Por *língua imaginária* se compreende a “língua sistema, a que os analistas fixam em suas regras e fórmulas, em suas sistematizações, são artefatos (simulacros) que os analistas de linguagem têm produzido ao longo de sua história e que impregnam o imaginário dos sujeitos na sua relação com a língua.” (ORLANDI, 2009, p. 16)

Bluteau, Silva; *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva* (1789).

Século XIX: Silva Pinto. *Diccionario da lingua brasileira* (1832);

Rubim. *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza* (1853);

Aulete. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa* (1881).

b) dicionários posteriores à obra:

Século XX: Figueiredo. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1913);

Taunay. *Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza* (1914).

Século XXI: Grande Dicionário Houaiss (2021).

No cotejo dos verbetes do Glossário com os instrumentos linguísticos anteriores a ele, o que encontramos foi o seguinte:

Tabela 1 - palavras do Glossário dicionarizadas e não dicionarizadas até 1888

Dicionarizados		Não dicionarizados	
<u>Bençã</u>	Carpa	<u>Amarellão</u>	Atabular
Cascavel	Ceva	Candimba	Chalo
Contra	<u>Espreguiceiro</u>	<u>Côcho</u>	Cousa feita
<u>Imundicie</u>	<u>Khiliometro</u>	Espeloteado	Estaqueira
Louvado	Machucar	<u>Fruiteira</u>	Fuxicar
Mandinga	Manipanso	Pererecar	Tambaque
Mucama	Par	Tarecos	Vinagre ferrado
Pito	Queixada	Vira-virando	Zonzo
Reboleira	Reparo		
Restinga	Revista		
Samburá	Sapatear		
Sapé	Tabua		
Tacto			

Fonte: As autoras

Para este artigo, como dito, optamos pelo recorte dos verbetes que dizem sobre o negro e/ou a um léxico advindo de língua de matriz africana. Esse recorte foi motivado devido à relevância da cultura de matriz africana na constituição da cultura brasileira e ao histórico de apagamentos e silenciamentos decorrentes de uma sociedade de racismo estrutural (ALMEIDA, 2019). Mendonça (2012) evidencia a relevância do autor Júlio Ribeiro no processo de não esquecimento do negro, sendo este sempre um sujeito em destaque na obra *A Carne*. Isso porque, na obra, o autor dedica um capítulo inteiro a uma cena na senzala, em que também é possível observar mais de perto língua e cultura em ação.

De imediato, a tabela nos sinaliza para ao menos dezesseis verbetes ainda não dicionarizados, o que reforça a relevância do romance no que tange aos estudos lexicográficos. No que se refere ao nosso propósito, no *Glossário* destacam-se oito verbetes diretamente relacionados ao negro e a língua de matriz africana: *contra*, *cousa feita*, *mandinga*, *manipanso*, *mucama*, *revista*, *tambaque* e *vira-virando*. Para nossa análise, recortamos os verbetes **contra**, **mandinga**, **manipanso**, **cousa feita** e **vira-virando**. Os verbetes *mucama* e *revista* foram trabalhados em (BARROS, BASTOS; MEDEIROS, 2022<sup>6</sup>) e (MEDEIROS, 2019), respectivamente. Trouxemos ainda para a discussão o termo **mganga**, que comparece no texto em itálico e em nota de rodapé.

Ao tratar das influências africanas no português do Brasil, Mendonça<sup>7</sup> já em 1933 levantava o questionamento acerca da valorização do índio, principalmente pela literatura, como referência ao passado colonial. Esse movimento favoreceu um apagamento do sujeito negro como também constitutivo do português do Brasil como mostram as pesquisas do autor.

“É lastimável mesmo que fenômenos caracteristicamente negros da nossa fonética sejam aproximados do tupi, com menoscabo da verdade histórica. (...) Isto resulta da proeminência indevida que se conferiu ao índio com prejuízo do negro na formação da nacionalidade brasileira. Há mesmo aí muita coisa influenciada pelo indianismo de Gonçalves Dias e Alencar. O negro que sua no eito e, esfalfado, trabalha sob o chicote, não oferece a mesma poesia do índio aventureiro, que erra pelas florestas... se um alicerça obscuramente a economia nacional com a lavoura da cana-de-açúcar e do café, e a mineração do ouro, o outro sugere motivos sentimentais para o passatempo dos elegantes do Império...” (MENDONÇA, 2012, p. 79)

O silenciamento da herança africana é retomado, de certa forma, com Gonzales (1984) ao falar sobre o *pretuguês*.

“É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês.” (GONZALES, 1984, pág. 238)

Gonzales (1984) comenta, ainda, que, ao se discutir sobre termos africanos ou sobre o que se herdou deste povo, há referência apenas ao “samba, tutu, maracatu, frevo,

<sup>6</sup> Este artigo se encontra em prelo para publicação em livro organizado por Dantielli Garcia.

<sup>7</sup> Renato Mendonça analisou a influência africana no Português, como a fonologia dos termos em línguas africanas foram alterados ao adentrarem na língua portuguesa. O livro “A Influência Africana no Português do Brasil” teve a sua primeira edição em 1933, mas foi relançado em 2012 pela Fundação Alexandre Gusmão. Neste artigo usamos a edição de 2012.

candomblé, umbanda, escola de samba e por aí fora”. É importante ressaltar que, ao juntar preto e português em pretuguês, Gonzales (1984) está tomando nota não somente da importância do negro para o português, mas está indicando uma língua que seria marcadamente decorrente de línguas de matriz africana. Nesse sentido, em se tratando de língua, o caso de **vira-virando**, no Glossário de Ribeiro, chama atenção:

“**vira-virando** – expressão do Portuguez dos pretos do Brazil. Para reforçar, para intensificar a significação de certos verbos, eles antepõem ao gerúndio a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do mesmo verbo, e pospõem esse composto a qualquer tempo do verbo *andar*. Exemplos:

<< Ella *anda vira-virando* por lá.

Eu não estou para *andar corre-correndo* à tóa.>>” (RIBEIRO, 1888, glossário, sublinhados do autor).

Em **vira-virando**, destaca-se a marcação das condições de produção da expressão: “do portuguez dos pretos do Brazil”. Ou seja, já não se trata de um termo de língua africana propriamente, mas de uma expressão já oriunda do Português falado no Brasil. Há ainda a adição do sintagma “dos pretos” que põe em evidência os sujeitos que os produziam.

Este verbete é particularmente interessante, pois essa expressão não foi encontrada em nenhum dos dicionários selecionados para a pesquisa, nem nos anteriores nem nos posteriores. Contudo, a descrição detalhada de uso sugere que Ribeiro estava registrando algo a que ele tinha acesso à época e, provavelmente, era consequência da mistura linguística entre portugueses e negros escravizados: uma marca sintática na língua recorrente e produtiva, afinal, ele indica, além do vira-virando, o corre-correndo. Ou seja, uma reduplicação do primeiro verbo com gerúndio servindo à intensificação. Chama a atenção ainda, a anteposição da terceira pessoa do singular da terceira pessoa ao gerúndio de mesmo verbo e o uso do verbo andar, que constroem o que chamamos de perífrase verbal, que é ainda hoje muito forte no português do Brasil (DE OLIVEIRA, 2018). Contudo, nos usos atuais dessa construção verbal, não há a reincidência do verbo no presente indicativo.

Em um período em que o sujeito negro é escravizado, a formação discursiva dominante na institucionalização da língua era a do colonizador identificada com a branquitude europeia. Neste cenário, Caldas (2006) vai discorrer sobre como as religiões africanas foram importantes mecanismos de defesa dos flagelos escravistas. A autora comenta também sobre como as práticas de magia foram “consideradas necessárias à

formação social escravista colonial, uma vez que eram, ao mesmo tempo, alternativas de luta contra o sistema, *‘muitas vezes a única possível’* assim como instrumento legitimador da repressão e violência” (CALDAS, 2006, p. 130, itálicos da autora). Para a elite branca dominante à época, os feitiços eram vistos de forma negativa; em contrapartida, para os negros, dominar a feitiçaria não era somente se proteger de venenos, mas também a resistir à escravidão.

Podemos começar a observar esta disputa em um momento do livro, em que Joaquim Cambina, escravo octagenário, é acusado de envenenar outros escravos e um feitor branco, usando elementos da natureza para constituir o que o *Glossário* definiu como **cousa feita** “veneno preparado e propinado com formulas de crendice, feitiçaria”. A passagem do livro:

“Tempos havia, morrera na fazenda um feitor branco: a viuva, lembrava-lhe bem, tinha feito um berreiro enorme, infernal, dissera que o marido succumbira a *cousa feita*, accusára terminantemente a Joaquim Cambinda. Não dera elle, coronel, importancia a accusação, e essa accusação resurgia, feita agora por seu filho, homem intelligente, illustrado, muito sisudo,

— Em que se estriba você para inculpar o negro velho? perguntou após minutos de meditação.

— Em muita *cousa*. Primeiro, os factos, os envenenamentos indiscutíveis, e que só começaram de dez annos a esta parte, depois que Joaquim Cambinda veio para a fazenda: eu cá não estava, mas por informações acho-me ao corrente de tudo. Em segundo logar a fama de *mestre feiticeiro*, que tem elle em todo o municipio: varias pessoas de criterio têm-me interrogado a esse respeito. Depois, surprehendi-o eu mesmo, outro dia, a seccar cabeças de cobra, raizes de cicuta e de guiné, sementes de datura. E mais. . . elle tinha seus aggravos de Maria Bugra...” (RIBEIRO, *A Carne*, p. 276-77)

Chama a atenção, de imediato, o uso de veneno como sinônimo para **cousa feita**. Na cena do livro, a marcação de **cousa feita** e mestre feiticeiro em itálico sugere uma ênfase tanto no objeto que teria causado a morte quanto em quem o praticou.

Investigando **cousa-feita** nos dicionários, em um espectro de horizonte de projeção e de retrospeção, a primeira referência foi posterior à publicação da obra de Júlio Ribeiro. Em Figueiredo (1913), há a permanência de sentidos apresentado pela obra *A carne*, tendo como maior diferença a alteração fonética/ortográfica e a inclusão da entrada *bras*: “**coisa-feita** f. Bras. Veneno, preparado e applicado com fórmulas de feitiçaria; feitiçaria”. A marca de *brasileirismo* sugere o léxico como uma particularidade do português do Brasil. Em Houaiss (2021), o sentido de coisa feita como veneno desaparece, mantendo apenas a referência à bruxaria, deslizando para desordem, gritaria e algazarra: “**cousa feita** 1 m.q. bruxaria (no sentido de 'prática', 'efeito', 'acontecimento inexplicável') || 2 rolo, desordem; gritaria, algazarra.”



Chamou-nos a atenção que, no verbete mais contemporâneo, houve o apagamento dessa sinonímia entre coisa-feita e veneno, mas se manteve a definição de algo relacionado à bruxaria. Ao apagar veneno, é retirado do jogo de sentidos uma interpretação que via na sinonímia a forma de produção da coisa feita. Como apresentado anteriormente, a coisa feita e até a mandinga – que veremos a seguir – eram respostas a um contexto violento e opressor da época.

Em outro momento de *A Carne*, há uma passagem em que Joaquim Cambina e um jovem conversam sobre como fazer parte da S. Miguel das Almas. Com o aceite, Joaquim Cambina passa então a ensinar o jovem negro: “passou a parte doutrinaria, entrou a inicial-o na arte terrível dos feitiços e dos contras, a dar-lhe meios de matar, de curar.” (*A Carne*, p. 188). O termo **contra** aparece no glossário com a informação de ser “substantivo, abreviação de contra-veneno”. Assim, somos também expostos às práticas de resistência dos negros.

Ainda interligado à produção de uma feitiçaria, temos o termo **mandinga**, que comparece no glossário como: “feitiço. É vocábulo africano” (*A carne*, 1888). No período da publicação de *A Carne* este léxico já estava dicionarizado. Em Moraes Silva (1789), o termo aparece com acepção similar à de Ribeiro: “**mandinga** s. f. African. feitiçaria; feitiços”. Pinto (1832) vai dizer ainda: “**mandinga** s.f. *Entre os africanos*. Feitiçaria”. A informação etimológica trazida tanto por Mendonça (2012) quanto por Houaiss (2021) nos fala que o termo provém de uma região de Mandinga, na Guiné, de onde vinham feiticeiros. Depois houve a extensão de sentido para o próprio “feitiço”. Mendonça (2012) adiciona ainda a existência de um adjetivo e o uso comum para “uma coisa tem mandinga”.

“**mandinga**: sm.: feitiço, talismã para “fechar” o corpo.

ETIM.: provém do nome geográfico Mandinga, na Guiné, lugar onde havia insígnies feiticeiros. Houve a extensão do sentido e o termo passou de “terra do feitiço” ao próprio “feitiço”. Há o adj.: mandingueiro. Ar. geog: é termo pan-americano: Cuba, Costa Rica, Venezuela, Peru, Chile, Argentina, Brasil.

ABON.: é comum dizer-se que “uma coisa tem mandinga”.” (MENDONÇA, 2012, p. 151)

O termo vai aparecer em Aulete (1881) como “ficar impenetrável a ferro e outras armas” ou “embaraços para a realização de qualquer coisa”.

“**Mandinga** s. f. feiticaria; sortilégios. Dificuldades, embaraços para a realização de qualquer coisa e que aparecem como por feiticaria: Parece-me *mandinga* e enguiço do inimigo. (Castilho.) Attribuindo a *mandinga* aquele acontecimento. Isto tem

*mandinga*, diz-se de um negocio ou empresa que em todas as tentativas sai allogrado.” (AULETE, 1881)

“**Mandinga** substantivo feminino (1789) 3. ato ou efeito de mandar; feitiço, feitiçaria

3.1 *infrm.* embaraço, dificuldade que, por inexplicável, parece obra de feitiçaria

4 (1813) angios erva anual (*Rhynchospora hirsuta*) da fam. das ciperáceas, nativa do Brasil (PA), de colmo delgado, folhas ger. enroladas, espiguetas pardas e aquênios suborbiculares; capim-rasteiro, maniva” (GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS, 2021)

Em Houaiss (2021) se manteve o sentido **mandinga** com feitiço. Apesar de não estar explícito o sujeito negro nestas definições dicionarísticas de Aulete ou Houaiss, em *A Carne*, Ribeiro deixa explícito que é um vocábulo africano. Há, então, uma memória que atrela o continente africano a negros e como sendo estes os sujeitos que concretizam tais feitiços. A acepção (3.1) da definição de Houaiss se relaciona com o que Mendonça (2012) trouxe como “uma coisa tem mandinga” – se algo tem mandinga, tem uma dificuldade em se desenvolver.

Outra palavra a ser destacada e que comparece no glossário é **manipanso**, cuja escrita na época era *manipanço*. Em *A Carne* ela aparece definida no glossário como: “Ídolo africano; fetiche. O original da minha referencia está no Museu Sertorio, nesta capital. Foi achado em um quilombo no municipio de Sorocaba.”

Apesar de a palavra já estar dicionarizada em Aulete (1881): “manipanço s. m. ídolo africano, fetiche. || (Burl.) Homem muito gordo. ”, o verbete nos chama a atenção por mostrar duas posições do Ribeiro. A primeira, enquanto lexicógrafo que reconhece e registra essa palavra; e uma segunda posição, de historiador, que investiga sobre o objeto para que se possa escrever sobre ele. Como se nota pela riqueza de detalhes na passagem a seguir:

“um S. Miguel de gesso, cambuto, retaco, muito feio, muito pintado de excretos de moscas; e um **manipanço**, tecido inteirinho de cordas finíssimas de embira, hediondo, pavoroso, mas admirável pelos detalhes anatômicos, estupendo como obra de paciência.” (*A Carne*, p. 186, negritos nossos)

Este trecho é parte da cena ritualística de Joaquim Cambina e o jovem, que referenciamos em vários momentos nesta obra. Possidonio (2018) em sua pesquisa na Biblioteca Nacional comenta sobre a importância dos *nganga* e *manipansos* para a cultura africana. O autor elogia, inclusive, o trabalho de Ribeiro em trazer essa riqueza de detalhes sobre ritos e cultura, e, como nós mostramos aqui, também sobre a língua. Inclusive, os *nganga* também surgem na obra, sob a grafia de *mganga*. Apesar de não

estar presente no glossário, uma última análise pode ser interessante. Neste mesmo capítulo X, a palavra *mganga* surge em itálico e nos remete para uma nota de rodapé:

- “Os negros ergueram-se todos, reverentes.  
 — Zelômo, disse Joaquim Cambinda, ussê pensô bê nu quê ussê vai fazê, lapâssi ?  
 — Pensô, *mganga*!  
 — Intonsi, ussê qué mémo si rissà ni rimanâri ri San Migué rizâma ?  
 — Qué, *mganga*.

---

Nota de pé de página:

- « — Jeronymo, você pensou bem no que você vai fazer, rapaz?  
 — Pensei, mestre.  
 — Então você quer mesmo alistar-se na irmandade de S Miguel das Almas?  
 — Quero, mestre. »  
 A palavra *mganga* é termo africano: significa senhor do tempo, distribuidor de chuva; e, por extensão, theologo, sacerdote, mestre. (RIBEIRO, 1888, p. 186)

A primeira observação a ser extraída desta nota diz respeito à marcação de itálico como um termo não próprio do Português. Associado a essa marcação encontra-se uma das poucas notas de rodapé da obra. Nela, há uma posição lexicógrafo que reconhece um novo vocabulário e traz uma explicação, reconhecendo a existência da língua africana simultânea a do português: “termo africano”. Ao contrário dos outros termos investigados até então, este não aparece no glossário ao final da obra e a busca pelo termo nos dicionários – tanto anteriores à *A Carne*, quanto posteriores – foi improdutiva.

Encontramos uma referência a esta palavra na obra de Mendonça (2012), que inclusive traz essa mesma cena da obra para exemplificar o uso da palavra. O autor explica ainda que houve uma alteração fonológica e morfológica que permitiu a inserção da palavra no Português. Conforme Mendonça, o encontro das consoantes “mg” que acontecem em algumas palavras africanas do que ele indica como dialeto quimbundo não é possível de acontecer no Português. Assim, ao se ajustarem ao português, houve a queda da consoante nasal /m/ em posição inicial, transformando a palavra *mganga* em *ganga*. Outros exemplos deste fenômeno, trazidos por Alber (2000), são: “*ndengue* se torna *dengue*, *nzambi* se torna *zambi* (ou *zumbi*), *mbunda* se torna *bunda* e *mbanguela* se torna *banguela*”.

Nos dicionários investigados, o termo ganga passa a aparecer apenas em Figueiredo (1913): “**ganga** m. Sacerdote gentio no Congo”, com um dos sentidos propostos na nota de rodapé de *A Carne*: “por extensão, theologo, sacerdote, mestre. (RIBEIRO, 1888, p. 186)”. Posteriormente, esse verbete aparece em Houaiss (2021), trazendo as acepções que se encontrava na nota de *A Carne*, e adicionando duas entradas

com deslocamento de sentido para feiticeiro, vidente. Há também uma marcação de brasileirismo para o termo que nos dicionários anteriores não havia.

“**Ganga.** substantivo masculino

1 feiticeiro indígena do Congo

2 feiticeiro de Angola, especialista em adivinhar quem é o responsável por uma morte

3 *B* termo respeitoso us. no Brasil pelos escravos negros, equivalente a *senhor*

quimb. *nganga* no sentido de 'mágico, feiticeiro, vidente'; Castro registra ainda o umbd. *oganga*” (HOUAISS, 2021)

Aquino (2016), em sua tese, comenta sobre a relevância de Júlio Ribeiro na produção de saberes sobre a língua nacional que se construía nessa virada do século XIX para o XX. Ainda, Ribeiro teria assumido para si uma posição desbravadora, projetando para si um lugar de contribuição na reflexão linguística (AQUINO, 2016, p. 300). Apesar do autor estar se referindo mais especificamente à gramática de Ribeiro observamos em nossa análise um comportamento similar.

Em *A Carne*, Ribeiro construiu um glossário e corpo do texto interligadas. Há um funcionamento dicionarístico do glossário que expõe vocábulos da língua, e que é ilustrado no contraponto com o texto. O trabalho historiográfico e linguístico nos permite dizer que *A Carne*, especialmente em seu capítulo X, se tornam importantes fontes de observação para a senzala do século XIX.

## CONCLUSÕES

O século XIX foi palco de intensos debates associados à formação identitária nacional. Júlio Ribeiro e sua obra *A Carne* contribuiu para este cenário ao colocar em cena o negro, em sua cultura e língua. Em Medeiros (2019) já havia sido apontado um gesto pouco recorrente no século XIX: dar nome a uma língua de grande parcela de brasileiros, embora não nomeados como tal.

Neste artigo, procuramos mostrar que, pelo funcionamento dos verbetes no glossário e de um itálico no corpo texto, Ribeiro colocou em cena mecanismos de resistência à escravidão, e um léxico que indica tais mecanismos: *contra*, *coisa feita*, *mandinga*, *mestre feiticeiro*, *mganga*; itens da cultura africana que adentraram o Brasil, como o uso dos *manipansos*.

Ousamos dizer que *A Carne*, a despeito de toda a polêmica envolvida e o apagamento da obra na historiografia literária brasileira, contribui bastante para um

observatório de línguas e costumes do século XIX, que são constitutivos da nossa cultura brasileira.

### Referências

ALBER, Alessandra M. Lemos. A Influência das Línguas Africanas no Português Brasileiro. *Textos e debates*. Roraima: vol. 6, p. 37 – 42, 2000. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/download/992/805>. Acesso em 10 de abril de 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. 7ª Ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

AQUINO, José Edicarlos de. *Júlio Ribeiro na história das ideias linguísticas no Brasil*. 2016. 354 p. 2016. Tese de Doutorado. Tese–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: ed. da Unicamp, 1992.

CALDAS, G. A magia do feitiço: apropriações africanas no Brasil Colônia. *Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, [S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 127-144, 2007. DOI: 10.11606/issn.1980-7686.v1i1p127-144. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reaa/article/view/11453>. Acesso em: 20 de março de 2022.

DE OLIVEIRA, Malvina Maria. *O verbo andar e sua formação de perífrase atualizadora de aspecto no português*. 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

MEDEIROS, Vanise. “A Carne e a Carniça: língua em exposição, língua em silêncio.” In: Garcia, Dantielle Assumpção; Soares, Alexandre Ferrari. *De 1969 a 2019: um percurso da/na Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 2019. Pp 111- 128.

\_\_\_\_\_, Vanise. Cartografias das línguas: glossários para livros de literatura. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 79-93, 2016.

\_\_\_\_\_, Vanise. Memória e singularidade no gesto do escritor-lexicógrafo. *Confluência*, p. 143-156, 2014.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil* / Renato Mendonça, apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. — Brasília: FUNAG, 2012.

NUNES, José Horta. Definição lexicográfica e discurso. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, no. 11, Campinas: UNICAMP, 2003.

ORLANDI, Eni P. Processo de descolonização linguística e “lusofonia”. *Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: RG Editora, 2009. p. 171 – 180.

\_\_\_\_\_, Eni P. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem”. In: ORLANDI, E.(org.). *Política linguística na América Latina*. Campinas: Pontes. 1988.

POSSIDONIO, E. *Entre ngangas e manipansos: a religiosidade centro-africana nas freguesias urbanas do Rio de Janeiro oitocetista (1870-1900)*. Apoio à Pesquisa Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em < <https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2015/entre-ngangas-manipansos-religiosidade-centro-africana-nas.pdf>: > Acesso em 20 de abril de 2022.

RIBEIRO, Júlio. *A carne*. Livraria Teixeira, 1896.

### Dicionários e vocabulários consultados

AULETE, C. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Pereira - Livraria e Editora, 1881, vol. 1. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26034>

Bluteau, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...*: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2 Suplementos. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>

FIGUEIREDO, Cândido. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1913. Disponível online em <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf>

HOUAISS, A. *Grande dicionário Houaiss*, dicionário online de Português. Uol, 2021. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>.

RUBIM, Braz da Costa. *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: 1853. Disponível: [https://brasiana.usp.br/bitstream/bbm/3886/1/016341\\_COMPLETO.pdf](https://brasiana.usp.br/bitstream/bbm/3886/1/016341_COMPLETO.pdf)

SILVA PINTO, Luiz Maria da. *Diccionario da lingua brasileira*, Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-brasileira/>

SILVA, Antônio de Moraes et al. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva*. Rio de Janeiro, 1789. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412>

TAUNAY, Afonso de E. *Lexico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza*. Tours: 1914. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6962>